

LETRAS DO CAFÉ

BELO HORIZONTE, JULHO DE 2006 • PERIÓDICO CULTURAL DO CAFÉ COM LETRAS • TIRAGEM: 1000 EXEMPLARES • PEÇA O SEU CAFÉ E TENHA UMA BOA LEITURA



Programação de Julho

■ Letras do Café

Lançamento da edição nº 1
DJ Bray, Downtempo
Sexta-feira, 7.07

■ BH AnimeRPG II

Encerramento, com exibição de coletânea de imagens de animes diversos e animações autorais da Casa dos Quadrinhos
Domingo, 9.07

🎨 Especial: 🎨 Festival de Inverno

■ Sexta, 14.05

• DJ Marlo, 21:00

■ Sábado, 15.05

• DJ Fael, Jazz/ Indie, 17:00
• DJ Fafá, Rock e Lounge, 21:00
• VJ Dani Fatur, 21:00
• Grafite: ao vivo com o artista plástico Bruno Musc, 19:00

■ Domingo, 16.07

• DJ Patynet, Bossa Eletrônica e MPB, 19:00
• Grafite: ao vivo com o artista plástico Euro, 19:00

Semana de Arte Sequencial: Oficina e Mostra

• De 17 a 21.07, Mostra Bigjack Studio, Arte Sequencial, 20:00

■ Segunda, 17.07

• Oficina: O que são e como fazer Mangá - os quadrinhos japoneses, com o Prof. Anderson Viana, de 14:00 às 16:00
• Oficina: Antropomorfismo - Humanizando os animais nos quadrinhos e na ilustração, Prof. Rodney Buchemi e Erick Azevedo, de 16:00 às 18:00
• Grafite: ao vivo com o artista plástico Júlio Ken, 19:00

■ Terça, 18.07

• Oficina: O que são e como fazer Mangá - os quadrinhos japoneses, com o Prof. Anderson Viana, de 14:00 às 16:00
• Oficina: Princípios de Aquarela, Prof. Jean, de 16:00 às 18:00
• Grafite: ao vivo com o artista plástico Warley Bombi, 19:00



continua...

Tudo ao mesmo tempo

Festival de Inverno do Café com Letras celebra a diversidade cultural



Intervenção urbana na Savassi idealizada pelo arquiteto Paulo Waisberg

Carla Marin

“Não sabendo que era impossível, foi lá e fez” - Jean Cocteau, dramaturgo francês

O Festival de Inverno do Café com Letras, em seu segundo ano, propõe um intensa convergência entre diferentes formas de viver e produzir cultura. São duas semanas de programação diversificada, com música, artes plásticas, literatura, quadrinhos, animação, grafite, inclusive extrapolando o Café com intervenções urbanas no espaço público da Savassi – aliás, o palco ideal, com sua enorme diversidade de gentes, lugares e coisas acontecendo. Vida dia e noite, trabalho, comércio, estudo, lazer, convivendo em feliz harmonia.

Mais que um grande conjunto de atrações e eventos, o Festival de Inverno é um convite à participação. Uma iniciativa que demonstra que a colaboração criativa gera mais cria-

tividade, e que um trabalho coletivo pode gerar resultados duradouros. Envolver talentos e idéias em uma grande rede parece ser o caminho.

O Festival não é começo nem fim; é parte de uma história de pessoas e lugares que têm como principais recursos boas idéias e muita vontade de fazer acontecer. São capítulos dessa história eventos como o Sunset DJs, o Carnaval do Café, o Coletivo – circuito de arte e lazer que envolveu diversos estabelecimentos da Savassi – e o Savassi Festival, que terá sua quarta edição no dia 6 de agosto - um domingo inteiro de boa música, em pleno quarteirão do Café.

Felizmente, não é de hoje que projetos criativos jogam sementes e convidam à ação, à formação de redes produtivas e sustentáveis, entrelaçando vivências e atitudes. E os frutos surgem, cada vez mais saborosos.

■ Quarta, 19.07

• Oficina: Desenho a nanquim e arte-final para artistas gráficos, quadrinistas e ilustradores, Prof. Gulliver Viane, de 14:00 às 16:00

• Oficina: Criação e desenho de personagens para Revistas em Quadrinhos, Prof. Rodney Buchemi, de 16:00 às 18:00

• Grafite: o vivo com o artista plástico Eddy Moon, 19:00

■ Quinta, 20.07

• Oficina: Princípios de Aquarela, Prof. Jean, de 14:00 às 16:00

• Oficina: Criação e desenho de personagens para Revistas em Quadrinhos, Prof. Rodney Buchemi, de 16:00 às 18:00

• Grafite: ao vivo com o artista plástico Rey One, 19:00

■ Sexta, 21.07

• Oficina: Desenho a nanquim e arte-final para Artistas Gráficos,

Quadrinistas e Ilustradores, Prof. Gulliver Viane, de 14:00 às 16:00

• Oficina: Perspectiva intuitiva e desenho de cenários, com Prof. Rodney Buchemi, de 16:00 às 18:00

• DJ Manga Lounge, Downtempo e Bossa Nova, 21:00

• Grafite: ao vivo com o artista plástico Emanuel Mosh, 19:00

■ Sábado, 22.07

• Literatura: Lançamento de livro “Sem Título”, de Ulisses Belleigoli, Funalfa Edições, 19:00

Grafite: ao vivo com o artista plástico Satiro, a.k.a saone lee

■ Domingo, 23.07

• DJ Hudson, 19:00



Semana de Processos Criativos em Palavra e Imagem

• De 24 a 28.07, Intervenção Urbana: Inflável de Paulo Waisberg

■ Segunda, 24.07

• Palestra: Tipografias espontâneas no espaço urbano, por Bruno Guimarães Martins, 20:00

• Mostra de Animação: Mestres da Animação Russa, 21:30

■ Terça, 25.07

• Palestra: (Des) constructos: gestos fotográficos, por Adriana Camargo, 20:00

• Mostra de Animação: Coletânea Raoul Servais, 21:30

■ Quarta, 26.07

• Palestra: Processos representativos do urbano no audiovisual, Tatiana Carvalho, 20:00

• Mostra de Animação: Curtas experimentais/abstratos de Stan Brakhage, 21:30

■ Quinta, 27.07

• Palestra: Palavras enviesadas: literatura e cidade, por Alemar Rena e Tailze Melo, 20:00

• Mostra de Animação: Curtas de Norman McLaren, 21:30

■ Sexta, 28.07

• Palestra: Arte-mídia: circuitos criativos em rede. Convidados: Alemar Rena e Renata Alencar, 20:00

• Mostra de Animação: Coletânea Anima Mundi vol. 3 (curtas do mundo todo), 21:30

• DJ Bitt, set especial ‘Dirty Pop’, 21:00

■ Sábado, 29.07

• Lançamento do livro “O Livro de Pedra do Ving Tsun”, de Leonardo Mordente, editora Sete Instrumentos, 19:00

■ Domingo, 30.07

• DJ Euro, Samba, Black Music & Dub, 19:00



EDITORIAL DO MÊS

Em tempo de mundial, é quase irresistível falar de futebol. Entre um jogo e outro, uma conquista já é nossa: o Letras do Café

Bem amigos do Café, enquanto escrevemos este editorial do 'Letras' o pau está quebrando entre Argentina e México. É a Copa do Mundo da Alemanha, com sua capacidade incrível de produzir feriados e fazer dois completos alienados futebolísticos se interessarem (e muito) pelo nobre esporte bretão. A essa altura do campeonato (com o perdão do trocadilho), a seleção canarinho acaba de passar pras oitavas de final e vai pegar a seleção de Gana, que cheia de vontade (ai) deve ser um adversário difícil.

Quando este jornal chegar às suas mãos, pode ser que o Brasil esteja chegando ao hexa. Ou não. O que importa mesmo (pra nós, bem entendido), é que chegamos ao primeiro número do 'Letras do Café', e isso significa que nossa querida publicação foi bem recebida. Muitos comentários, sugestões e críticas construtivas ao número zero do LC chegaram à redação, e fazem parte da nossa campanha "rumo à próxima edição".

É bom chegar no Café e ver o jornal nas mesas. É bom ver gente querendo participar - já

nesta edição o leitor pode conferir a coluna do Fred, amigo frequentador admitido com alegria pelo corpo editorial como colaborador bissexto do nosso periódico.

É só o começo. A idéia é tornar o jornal, além de um informativo sobre as boas coisas da vida, também uma forma de contato para essa quase "comunidade" de quem gosta do Café. Um jeito simpático de gente bacana saber que bem ali na mesa ao lado pode estar aquele talento procurado. Para isso, existe nossa seção "Tudo para todos", onde você, caro leitor, também pode dizer quem é e o que faz. O convite já está mais do que feito.

Se do outro lado do oceano a seleção do Parreira está trabalhando, nós aqui também, na torcida para que o carinho com que o Letras foi acolhido continue. A gente veste a camisa pra fazer bonito, o time tá bem entrosado, clássico é clássico e vice-versa, a gente vai dar 100% de si pra alcançar o resultado positivo. Futebol é uma caixinha de surpresas, e agora a bola é sua. Boa leitura!

Carla Marin e Elias Kfoury

LETRAS DO CAFÉ

Editoria e direção geral:

Carla Marin
Elias Kfoury

Editor Honorário:

Bruno Golgher

Redação (esta edição):

Carla Marin
Elias Kfoury
Daniel Werneck
Fred Guimarães
Luis Malafaia
Mr. Mistério

Jornalista Responsável:

Gisele Jota

Tiragem:

1000 exemplares

Impressão:

Gráfica Fumarc

Letras do Café é uma publicação independente, impressa como se deve no mais autêntico papel jornal totalmente em preto-e-branco. Nossas fontes: Palatino (regular, italic e bold) e Franklin Gothic.

Para a confecção desta edição foram consumidos alguns hambúrgueres, alguns quilos de macarrão, alguns maços de cigarros, algumas caixinhas de cigarrilhas, muito café expresso, um número expressivo de Mojitos e Dry Martinis, sem falar naquele copo que a gente derrubou mas é melhor não comentar.

Nenhuma letra de chocolate foi desperdiçada na elaboração deste periódico.

COLUNA DO FRED

Fred Guimarães

Almoçando a diversidade



Quando convidado - meio imposto, confesso - para escrever uma coluna para esse jornal, capeei na minha memória alguns dos variados acontecimentos que vivenciei no Café. Não sei pelo recente e chata ocasião que vive o Beto - ex-sócio do Café - me lembrei um dia do seu questionamento comigo sobre o porquê de tanto gostar de frequentar aqui. Respondi, sem qualquer dúvida e senão que era a grande diversidade.

Este meu conceito ainda persiste. Acentua-se ainda mais quando me volto para o horário vespertino do Café, mais precisamente, o almoço. Certo é que, antes (isso já vai alguns anos) o Café com Letras não dispunha desse serviço. Com a sua inauguração, a tal da diversidade se acentuou.

Confesso que o almoço, seja o dia da semana ou do fim dela, demonstra a diferenciação que existe num mesmo local. O almoço é um evento que tomou vida. Um ponto de encontro de longos amigos conquistados no período noturno da casa e a conquista de tantos outros. Mas onde entra a diversidade propagada na introdução? Ora, não só entra como já se estabeleceu e torço para que nunca mais vá.

Tudo se torna diverso, a começar pela presença do sol, elemento natural que se apresenta essencial para esse momento destacado aqui. Depois, as músicas, são muito diferentes -há até uma divisão administrativa: "Músicas do Almoço" disposta na parte interna do caixa. Agora o mais importante: as pessoas.

A mais variadas pessoas vem almoçar, de modernos a executivos, passando pelas enormes turmas que no mesmo lugar trabalham; por mesas de advogados, arquitetos, designers e tantos outros. Senhoras de fino trato, meninas e meninos com ares de boas e tradicionais famílias. Fashionistas e tantos outros povos da moda.

Sem deixar de lembrar, ainda que não fosse para almoçar mas para o chá-da-tarde, de Mme. Sion! Saudades, é sério.

O contraponto da noite bem se estabeleceu com a criação e o crescimento do almoço. É uma hora muito bacana. Ah! A comida, havia me esquecido: o horário do almoço é tão singular que tem cardápio próprio! Sinal de status!

A diversidade se acentuou: o dia e a tarde! E a convivência? Continua boa, acredito. Até porque aquela mesma diversidade que eu respondi ao Beto anos atrás se referia apenas à noite. Hoje ela de fato existe e é muito maior.

Viva a noite, mas viva muito mais a tarde: comendo bem é claro!



Fred Guimarães é um dos imortais do Café com Letras!

TUDO PARA TODOS

Esta é a nossa seção de "utilidade pública, , por assim dizer. Um espaço para divulgar seu serviço, seu projeto, sua idéia. O material deve ser enviado para letras@cafecomletras.com.br

Revista da UnilesteMG aceita colaborações

ar é a revista de arquitetura, ensino e cultura publicada pelo Curso de Arquitetura e Urbanismo do UnilesteMG. Destina-se à publicação de trabalhos que contribuam para o desenvolvimento de uma cultura espacial ampliada, e a cada edição, explora um tema.

Podem ser publicadas imagens produzidas a partir de qualquer meio técnico (e que devem ter como característica principal a autonomia narrativa) e artigos sobre o tema em questão no número - estes nas seções "ensaios" e "lugares". O material deve ser apresentado por seu autor e será avaliado previamente à publicação. É importante que os interessados

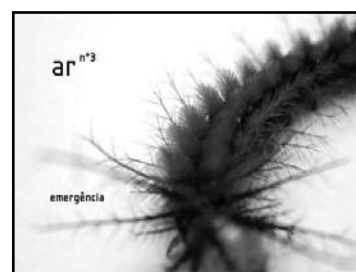
solicitem o documento completo com as normas de publicação de imagens e textos.

e-mail:

revistaar@gmail.com

Endereço:

Secretaria de Cursos - CAU
UnilesteMG - Revista AR
Av. Presidente Tancredo Neves,
3500 - Bairro Universitário
CEP 35170-056
Coronel Fabriciano - MG -Brasil



Bolsas de estudos ICAM - USIMINAS

Estão abertas as inscrições para o terceiro Programa de Bolsas do Instituto Cultural Amílcar Martins (ICAM) em parceria com a USIMINAS, que concederá auxílio financeiro e institucional a estudantes matriculados em programas de mestrado e doutorado, cujos projetos de dissertação abordem a história de Minas Gerais.

Para concorrer é preciso se inscrever entre 15 de junho e 15 de agosto através de formulário eletrônico no site.

www.icam.org.br.
Informações: (31) 3274-6666.

A preguiça genial de Paul Auster

Dica do leitor

Luis Malafaia

Escritor americano comprova que é possível criar obras memoráveis a partir da preguiça, e não apenas com trabalho duro. É o que demonstra "Achei que meu pai fosse Deus".

Daniel Poeira

Quando foi convidado por uma rede pública de rádios a apresentar um programa semanal, o escritor estadunidense Paul Auster foi educado ao dizer que ia pensar, quando no fundo não queria de jeito nenhum. Ele se justificou perante sua esposa dizendo que não queria assumir mais um compromisso, e que não gostava de escrever sob pressão com prazo. Ela deu a resposta genial: - Por que não pedir para as pessoas escreverem para você?

A idéia foi fermentando e logo a rádio estava anunciando que o grande escritor Paul Auster iria ler as histórias que as pessoas enviassem. A única regra: as histórias deveriam reais.

O resultado foi tão avassalador e fascinante que Auster compilou cerca de uma centena dessas histórias na forma

do livro "Achei Que Meu Pai Fosse Deus". Um caleidoscópio de emoções, temas, estilos literários, e personagens

incrivelmente reais. Incrível é a palavra certa: muitas das histórias apresentam elementos absurdos, daquele tipo de coisa que só dá para acreditar porque a história foi real. Um roteiro de cinema ou livro de ficção não teria coragem de retratar uma situação daquelas.

O livro prova de uma vez por todas que a realidade é mais estranha do que a ficção. Coincidências, uma atrás da outra, em histórias engraçadas, tristes, comoventes, épicas, patéticas, absolutamente humanas, e comoventes como relato da vida comum de

peças comuns que sentem, agem, pensam, existem, e se relacionam.

A leitura é leve porque os contos são curtos, mas a temática é muito variada. Você nunca sabe se a próxima história vai ser triste ou alegre ou as duas coisas ao mesmo tempo. Mas é melhor que seja assim mesmo, uma certa metáfora de como é a vida. Nunca adivinhemos o que vai vir na próxima página, mas é por isso que a vida continua: porque nunca sabemos o que nos espera pela frente.

Tenho certeza que nem Paul Auster imaginava que sua preguiça e falta de tempo resultariam em um livro tão fascinante e único. Leitura recomendada para todos os sexos, idades e religiões.

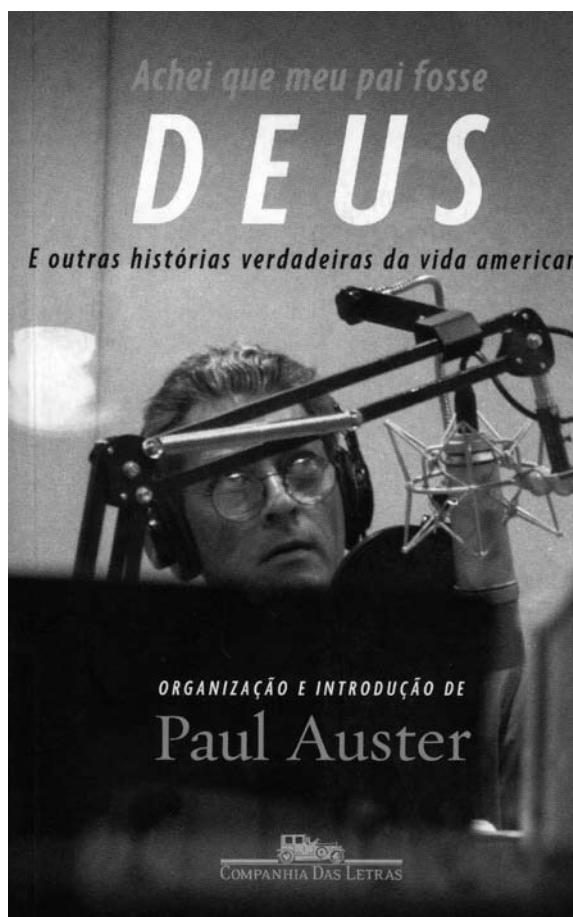
Achei que meu pai fosse Deus
Autor: Paul Auster
Editora Companhia das Letras
Preço médio: R\$ 52,00

É possível escolher nossa morte? A imobilidade é morte? "Nunca se deve perder de vista o último dia do homem. Nem declarar que alguém é feliz antes de vê-lo morto e reduzido a cinzas".

Assista algumas mortes, escolha dentre elas a sua. Morra durante algum tempo, saboreie a eternidade; volte e escolha outra. Morra de novo. Sinta. Qual é mais saborosa? Qual é a sua escolha? A sua vida - seu viver - depende desta escolha. "Marchamos todos para a morte; nosso destino agita-se na urna funerária; um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, o nome de cada um dali sairá e a barca fatal nos levará a todos ao eterno exílio."

Ler é saber, saber é sabor: *O deserto dos tártaros* de Dino Buzzati um prato gostoso para experimentar. Bom apetite.

O deserto dos tártaros
Autor: Dino Buzzati
Editora Nova Fronteira
Preço médio: R\$ 25,00



Muito além da meia de lurex

Almanaque sobre a década de 70 tem tudo para agradar a boko-mokos e desbundados:

Carla Marin

Depois do sucesso do *Almanaque dos anos 80*, a Ediouro lança a obra dedicada àquela que é injustamente conhecida como "a década que o bom gosto esqueceu". Generalismos à parte, a pesquisa aprofundada da jornalista e escritora Ana Maria Bahiana traz em riqueza de detalhes os costumes, os modismos, a estética e a cultura pop de um período de contrastes: enquanto a "dura" pegava pesado por aqui e vozes calavam sob o AI-5, o escapismo corria solto, na música, na literatura, no cinema e em substâncias não muito recomendáveis. O

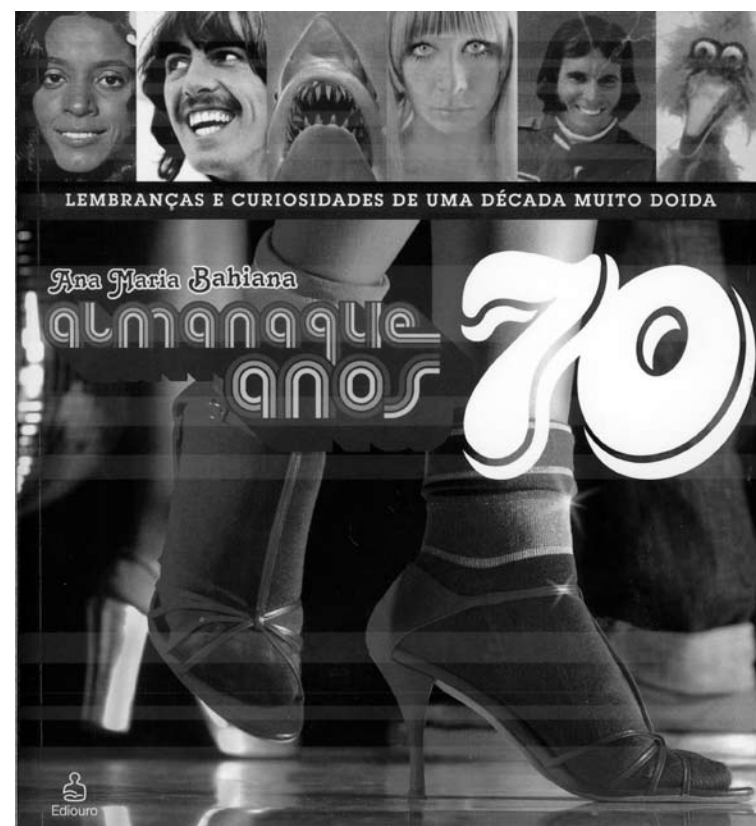
Brasil do milagre econômico era também o Brasil do Tri, dos tecidos sintéticos, dos carros coloridos e do experimentalismo radical nas roupas, no som e até mesmo no linguajar das pessoas.

Se faltam as cores na maioria das fotos, sobram lembranças: a moda inenarrável, os programas da tevê, os crimes famosos, os esportes, os filmes - diz aí, até você mais jovem também já sacolejou com o John Travolta - e uma impagável "trajetória" ano a ano de David Bowie salpicada no volume.

Obra de referência para pesquisa e conversas de boteco,

o *Almanaque dos anos 70* resgata o que havia de bom (e de ruim) em uma época cheia de glitter, LSD, discothèque e outras novidades. Um texto delicioso, repleto de curiosidades, sobre um tempo de experiências em todos os sentidos. Se "quem viveu intensamente os anos 70 está condenado a não se lembrar deles", o almanaque se encarrega de refrescar a memória. E mesmo que você nunca tenha tido uma camisa volta-ao-mundo, essa é uma viagem que vale a pena.

Almanaque dos anos 70
Autor: Ana Maria Bahiana
Editora Ediouro
Preço médio: R\$ 50,00



Na hora do almoço, um divertido grupo se encontra na grande mesa logo na entrada do Café com Letras. Doutores Leonardo (Léo), Renato, Lásaro e Paulo nos deram o prazer de participar dessa alegre reunião, e assim pudemos conhecer a simpaticíssima “mesa dos juristas” - ou como eles nos corrigiram, a mesa dos advogados... Confira essa bem-humorada conversa:

LC: Qual a origem da turma?
Leonardo: Eu e Renato nos formamos juntos. Somos também professores da PUC, e foi assim que todos nós nos conhecemos e estreitamos a amizade.

LC: Como se tornar parte desse grupo tão seletivo?
Renato: É difícil entrar no grupo, precisa fazer antes um estágio, e depois de muito tempo a gente decide se o candidato passou ou não (risos).
Lásaro: E tem regras...
Léo: Eventualmente a namorada de alguém vir, um amigo, não é problema, mas para aderir ao grupo...
Renato: É difícil se tornar um titular...
Lásaro: ...a gente é muito cruel.
Paulo: É mais fácil o cara ser excluído do que entrar!
Renato: Brincadeiras à parte, a verdade é que às vezes uma pessoa de fora, tira a intimidade, afeta a dinâmica do grupo, concorda?

LC: Qual a frequência dos encontros da turma?
Renato: o evento é o almoço e é aqui. Quase todo dia.
Léo: Só não acontece quando há algum imprevisto, e se alguém falta sem prévio aviso a coisa é séria. Geralmente na sexta a gente quebra a rotina, vai em outro lugar, mas via de regra é aqui.
Lásaro: Quem falta é criticado, a gente aproveita pra malhar!

LC: E como é o assunto?
Renato: A gente fala de tudo, coisas de trabalho também. E se um de nós de repente falta numa discussão importante, ah, é criticado, é um problema.
Renato: A gente fala de aluno, fala sobre política, futebol...
Léo: Tem alas radicais e isso sempre acaba em discussões



E-D: Renato, Paulo, Lásaro e Leonardo compõem a famosa ‘mesa dos juristas’...

fervorosas, a gente se em-polga e acaba incomodando...
Lásaro (interrompendo o Léo): Tem a esquerda, tem a direita...
Léo: Tem gente que interrompe o outro, aí a gente tem que falar mais alto! (risos)... Nós também ouvimos os colegas em um caso concreto, a gente se ajuda...

LC: E desde quando vocês mantêm essa mesa no Café?
Léo: Acho que já tem uns 5 ou 6 anos.

LC: Vocês já foram até indicados como “imortais”...
Léo: Por bem ou por mal iriam lembrar da gente, pois a gente fala alto, discute, incomoda todo mundo (risos)...

LC: E por que o Café?
Renato: Eu costumo citar uma frase que o Lásaro usa: que quanto mais a gente tenta afastar daqui, mais a gente volta pra cá, acho mesmo que por não achar um lugar onde a gente se sintam tão bem...
Léo: A comida é boa e somos bem tratados. A gente fala alto, fica à vontade, então, é um ambiente acolhedor pra nós, parece que aqui é a nossa sala de casa, e todo mundo já sabe que a gente vai estar aqui mesmo!
Renato: E os livros, né... acho que isso conta demais... a região da Savassi é muito charmosa e é conveniente também.

LC: E além do trabalho, o que mais vocês fazem?
Lásaro (apontando para o Renato): esse é motoqueiro!
Renato: Motoqueiro não é o termo certo! Motociclista. Eu faço trilha nos fins de semana, gosto de motocicleta, a turma viaja muito.

Léo: Eu gosto de fumar charuto, e é outra turma, um clube - não ia ser doido de ter só essa turma aqui (risos). Chama-se Cigar Club. Gosto de vinhos também. E adoro cinema.
Renato: É o Lásaro é previdencialista, não precisa dizer mais nada!
Léo: É só aposentadoria mesmo! (risos)
Lásaro: Eu sou viciado em jornal. Eu leio tudo, leio todas as seções, todas. E fora isso, amo meu clube Atlético Mineiro.
Léo: O amigo aqui fazia jornal uma época. E teve até uma época que ele fazia notas de falecimento no rádio...
Paulo: Já eu gosto de tudo que foi falado: ando de moto, gosto de cinema, de jornal. Só não fumo charutos!

LC: Alguma pergunta para o Café?
Renato: Eu queria saber se o público do café nos vê como a gente vê o Café. Pois a gente realmente se sente muito à vontade, até demais, e por isso a gente queria saber como as pessoas nos vêem aqui.
Renato: Outro dia a gente estava naquelas discussões em alto volume. Uma moça chegou perto da mesa e disse: homem é tudo igual, ficam discutindo para saber quem “é o maior”. E o Léo respondeu...
Léo: “Olha, a gente ainda não chegou na discussão sexual, por enquanto ainda estamos falando de futebol mesmo!”. Mas naquela hora a gente estava mesmo passando dos limites...

LC: Isso quer dizer que vocês se sentem à vontade mesmo...
Léo: Olha, se tivesse uma caminho aqui acho que a gente até deitava (risos)!

Der Deutsche Batuk

O destemido Mr. Mistério escreve diretamente de Kaiserslautern noticiando o espetacular encontro de culturas que se espalha pelas ruas da Alemanha.

Alô, amigos! Wie getz? Seu intrépido explorador de novos ritmos e melodias veio até a terra do apfelstrudel para conferir de perto a raríssima oportunidade de ver pessoas de dezenas de países misturadas em um mesmo lugar, não apenas trabalhando, mas cantando, dançando e bebendo pelas ruas, com as bandeiras de seus países penduradas nas costas.

Um clima tão amigável é muito propício ao surgimento de misturas culturais que são o alimento das grandes expressões artísticas populares de nosso tempo. Enquanto os artistas “profissionais” se escondem em um embanhado de referências e piadas internas, os artistas do povo invadem as ruas com sua arte plural, multidisciplinar e livre.

Nesse tempo de Copa é possível, por exemplo, encontrar um grupo de gregos dançando ao som de um sambinha picareta executado por um bando de fanfarrões perdidos entre as mais variadas marcas de cerveja: brasileiros, alemães e até alguns americanos arriscavam um pagode com pandeiros, tamborins, copos, mesas, colheres e cornetas de plástico.

No início da Copa pude presenciar uma cena rara: uma horda de suíços rosados e

alcoholizados saindo do estádio, após um empate vitorioso (sim, isso existe) contra a França, encontrou na rua um outro bando, de coreanos comemorando a vitória na estréia. Sem entender uma palavra do que estava sendo dito, os dois grupos se uniram em uma festa espetacular, com instrumentos que eu nem sei o nome. A cantoria era uma verdadeira torre de Babel, ninguém entendia nada, mas ao mesmo tempo todos entendiam muito bem o que estava acontecendo.

Aqui é assim mesmo. A qualquer momento você pode esbarrar com um escocês tocando gaita de foles, ou um argentino tocando bandoneon. Na esquina aparece uma escola de samba, e quando você vai ver, é um grupo de finlandeses. Veio gente do mundo inteiro para essa festa, e as cores e ritmos vão se misturando naturalmente à medida que as pessoas se encontram pelas ruas - e também à medida em que os drinks vão sendo consumidos.

A música vai ilustrando essa festa incrível que só uma Copa do Mundo pode nos proporcionar. É como diz a Fifa: um ótimo momento para fazer amigos. Diga não ao racismo!!

Mr. Mistério viaja o tempo todo, mas recebe recados pelo nosso e-mail.

Participe do Letras do Café!

DEIXE A TIMIDEZ DE LADO! VOCÊ, CARO LEITOR, É NOSSO CONVIVADO PARA MANDAR SUA COLABORAÇÃO PARA AS SEÇÕES DO LETRAS DO CAFÉ. COMENTE UM LIVRO, UM DISCO, UMA COMIDA, CONTE UMA HISTÓRIA, TIRE UMA FOTO, NOS DIGA QUEM VOCÊ É E O QUE FAZ. OS EDITORES IRÃO ANALISAR O MATERIAL, QUE PODERÁ ESTAR EM UMA DAS PRÓXIMAS EDIÇÕES. SEMPRE LEMBRANDO, AS CONTRIBUIÇÕES SÃO VOLUNTÁRIAS E O CRÉDITO DO AUTOR SERÁ PUBLICADO.

E-MAIL PARA: LETRAS@CAFECOMLETRAS.COM.BR

TÁ NA MESA

A saga do Dry Martini

Em sua busca pelo drinque perfeito, nosso editor mostra com quantos palitinhos de dente se faz o preferido de James Bond

Elias Kfoury

Em busca de um autêntico Dry Martini, encontrei cada coisa que até Deus duvida. Sempre fui um fã do clássico drinque: fino, saboroso e muito estiloso. Acontece que a coisa mais difícil é conseguir um Dry Martini de verdade, bem preparado e com bons ingredientes. A decepção é quase regra. O cidadão se senta num bar ou restaurante, pede aquela maravilha - até que ele vem bonito às vezes - e quando prova, é aquela tristeza.

Seria o Dry Martini um produto de complexa alquimia? Definitivamente não. O problema é inventar moda, mas como diria minha fonte de inspiração culinária e colega de redação Carla Marin, as coisas mais simples são as mais difíceis de preparar. Pois é.

O Dry Martini é assim: uma dose generosa de gin - eu não garanto nada se o gin não for Bombay Sapphire, Beefeater ou Tanqueray - em uma coqueteleira, uma colher de chá de vermute seco - nada de Martini Bianco, eu indico o Noilly Prat - e umas 3 pedras de gelo por último, pois ele deve ficar pouquíssimo tempo em contato com a bebida. Bata apenas o suficiente para gelar e sirva em uma taça competente: com ângulo bem aberto e de preferência, de cristal. Lave azeitonas para tirar a conserva e coloque na taça. Só isso.

Em busca pelo Dry Martini perfeito, visitei bares, restaurantes, casas de show e até mesmo boites. Para não ficar coisa de crítico chato, não vou citar onde não obtive sucesso, mas vale dizer onde a coisa funcionou. No Bourbon Street

em São Paulo, nem perguntei qual era o gin, ou como era servido, pedi, e foi sucesso absoluto. Em BH a coisa foi mais complicada, mas consegui Martinis excelentes. Estive no Bistro da Matilda: só elogios. A garçonete perguntou se eu queria o Martini com gin nacional ou o Tanqueray. Quase bati palmas de emoção. Quando veio, delícia irretocável nota 10, pelo atendimento e pelo resultado. Do Café com Letras, eu não poderia deixar de falar: perguntei com qual gin era servido: nacional. Pedi para trocar o ingrediente, e fui prontamente atendido. Merece 10, pelo resultado sensacional.

Já os que levaram bomba foram vários. Preço e lugar não impediram surpresas grotescas como Martinis à temperatura ambiente, ou com coisas



estranhas dentro como cerejas e cascas de laranja, nem tampouco o impagável "Martini Submarino", com uma inacreditável pedra de gelo boiando.

Portanto, protestos à parte, acho que para se beber um bom Martini Seco, basta pedir

assim: Por favor, faça um Dry Martini, mas faça assim: (e repita a receitinha lá em cima na matéria). Afinal, você não vai querer desperdiçar a chance de apreciar uma bebida tão boa, ou então correr o risco de ganhar um drinque com cuspe ao mandar voltar o pedido...



Mergulhe de cabeça

Fondue em boa companhia: nada melhor para aquecer as noites frias de inverno

Carla Marin

Tudo começou quando no século XIII moradores dos Alpes Suíços tiveram uma superprodução de queijo, que com o inverno, endureceu. Como queijo é coisa que não se desperdiça, o tal excesso foi derretido, e a ele, foi acrescentado um pouco de Kirsch (bebida alcoólica local à base de cereja). Prova com pão para acertar o tempero e... estava criado o delicioso ritual que, adaptado com o tempo para diferentes ingredientes como chocolate, carne e peixe, repete-se até hoje.

Mais que uma refeição, a fondue é uma celebração, reunindo amigos ou casais apaixonados em torno de uma delícia fumegante. Que tal experimentar?

Fondue de Queijo

Amasse ligeiramente um dente de alho, espete em um garfo e esfregue na parte interna da panela de fondue pré-aquecida. Coloque 400 ml de vinho branco seco e espere ferver. Adicione aos poucos 350 gramas de queijo emmental e a mesma quantidade de queijo gruyère, ambos ralados, em fogo brando. Mexa sem parar, com uma colher de pau, sempre no mesmo sentido. Dilua uma colher de chá de maizena em um cálice de Kirsch, passe para a panela e tempere com pimenta-do-reino branca e noz-moscada. Ferva um pouco mais, até obter um creme espesso e uniforme. Coloque a panela sobre o réchaud e sirva com pães picados. Com um vinho branco jovem e frutado, como os Sauvignon Blanc, é um casamento no céu!

Paixão

Carla Marin

Paixão que arrebatava, paixão que alucina, paixão que move e que faz estático, que eterniza o instante: um momento para toda a vida e a vida toda num segundo. Aquilo que só um pode sentir mas que todos sentem. Sentimento mundano que é primo-irmão da fé - que só a fé para fazer acreditar, apaixonadamente, que sim, é possível. Cai de joelhos, tamanha a grandeza, e agora, o que vem depois?

Paixão é o poder secreto do herói-minuto e a fraqueza flagrante do vilão de ocasião. É a força do medo de nada (e da certeza de tudo) fazendo das suas, transformando garotos em homens, homens em deuses e deuses de novo em homens de carne e osso, frágeis, frágeis, que erram, sofrem e enfim caem de joelhos, ainda cheios de fé.

Para onde foram todos? Toda a força dá lugar à maior solidão do mundo, que só o maior amor pode provocar. É só você agora, num segundo o mundo redondo quase nas mãos e um átimo depois, só o vazio. Assim é paixão, altos e baixos, ter e não ter mais, depois ter de novo, montanha-russa de emoção em sobe e desce inconstante, imprevisível, tão forte que dá vertigem e parece que vai matar. Mas parece fazer morrer se não existe - irresistível paradoxo, e é assim que os grandes diminuem e caem. De joelhos. Vazios de tudo menos de fé.

E o que eles pedem quando caem de joelhos? Pedem mais. Pedem para levantar depois, para, moto-perpétuo, ter tudo de novo, paixão renovada, sempre maior. E ainda maior seria, não fosse para tão grande paixão tão curta a vida

Carla Marin é editora deste periódico e aventura-se ocasionalmente na saudável paixão que é escrever.



Paixão e fé, por Bell, fotógrafo de Belo Horizonte